



O ROMANCE MEDIÚNICO (ESPÍRITA E ESPIRITUALISTA) É SEMPRE HETEROSSEXUAL?

Emerson Rossi*

RESUMO

O objetivo deste texto é revisitar e disponibilizar os resultados de uma pesquisa exploratória que descreveu e analisou as representações sociais da homossexualidade em dois romances mediúnicos – espírita e espiritualista – que têm essa orientação sexual como tema. Para realizar este trabalho, os romances foram lidos sob uma perspectiva etnográfica. Foi constituído um diário com uma síntese de cada capítulo e os perfis dos personagens e trechos relevantes que, depois tiveram seu conteúdo interpretado sob os conceitos de representação social e aleturgia, ensaiados, respectivamente, por Howard S. Becker, em “Falando da sociedade” e por Michel Foucault, em “O governo dos vivos”.

Palavras-chave: Representações sociais. Romance mediúnico. Homossexualidade masculina. Espiritismo.

IS THE MEDIUMISTIC ROMANCE (SPIRITIST AND SPIRITUALIST) ALWAYS HETEROSEXUAL?

ABSTRACT

The aim of this text is to revisit and make available the results of an exploratory research that described and analyzed the social representations of homosexuality, in two mediumistic novels – spiritist and spiritualist – that have this sexual orientation as their theme. To do this research the novels were read under an ethnographic perspective, a diary was made with a summary of each chapter, character profiles and relevant sections, which then had its contents interpreted under the concepts of social representation and aleturgia defined, respectively, by Howard S. Becker in “Telling About Society” and by Michel Foucault in “Du Gouvernement Des Vivants”.

Keywords: Social representations. Mediumistic novels. Male homosexuality. Spiritism.

* Mestrando em Ciências Sociais pela UNIFESP. Especialista em História da arte pela Universidade Estácio de Sá.



¿EL ROMANCE MEDIÚMNICO (ESPÍRITA Y ESPIRITUALISTA) ES SIEMPRE HETEROSEXUAL?

RESUMEN

El objetivo de este texto es revisar y poner a disposición los resultados de una investigación exploratoria que describió y analizó las representaciones sociales de la homosexualidad, en dos novelas mediúmnicas – espiritista y espiritualista – que tienen como tema esta orientación sexual. Para llevar a cabo este trabajo, se leyeron las novelas desde una perspectiva etnográfica, se elaboró un diario con un resumen de cada capítulo, los perfiles de los personajes y extractos relevantes, que posteriormente tuvieron su contenido interpretado bajo los conceptos de representación social y aleturgia definido, respectivamente, por Howard S. Becker en “Para hablar de la sociedad” y Michel Foucault en “Del gobierno de los vivos”.

Palabras clave: Representaciones sociales. Romance mediúmnico. Homosexualidad masculina. Espiritismo.

INTRODUÇÃO

O título deste artigo retoma e transpõe para o romance mediúmnico – espírita e espiritualista – a indagação que a filósofa feminista Judith Butler fez ao parentesco, em seu artigo “O parentesco é sempre tido como heterossexual?” (2003) De imediato, posso responder que não, que há romances com temática homossexual na literatura mediúmnica e espírita, e que, ao longo deste texto, exploraremos as suas narrativas e as representações sociais da homossexualidade que são veiculadas por elas.

Antônio Cândido (2011, [1961]) escreveu no texto “Crítica e sociologia: tentativa de esclarecimento”, que há várias formas de tratar a literatura, dentre as quais algumas mais próximas da crítica literária e outras mais próximas da sociologia. As mais próximas da sociologia sempre relacionam a produção literária com algum aspecto da sociedade, isto é, as condições sociais, o público, a organização social, a função política, a gênese da literatura ou de algum gênero ou o aspecto da representação, enquanto as abordagens mais próximas da crítica literária preocupam-se com as questões da forma e da estética textual.

Este trabalho ocupa-se do aspecto representacional dos romances mediúmnicos “A última chance”, de Marcelo Cezar (2008) e “Um amor



diferente: nossas escolhas”, de João Alberto Teodoro (2012). Trata-se especificamente das representações sociais da homossexualidade que, além de uma orientação sexual, no contemporâneo, persiste como uma fonte profícua de divisões e lutas pelo que seriam as verdades do comportamento e da ordem (sexual).

A concepção de representação social adotada durante todo este trabalho é a ensaiada no livro “Falando da sociedade”, de Howard Becker (2009). De modo geral, ele a define como “relatos sobre a sociedade” (Howard BECKER, 2009, p. 17), como modos de contar ao outro o que se sabe sobre a sociedade que, na visão de Becker, pode ser feito tanto pelas ciências sociais, pelas artes (como a literatura e o teatro) ou pelas técnicas matemáticas.

Os romances aqui analisados foram lidos de forma criteriosa e trabalhados a partir de uma visão etnográfica, em diálogo com as temáticas da relação literatura e sociedade; espiritismo e homossexualidade, de modo que foi constituído uma espécie de diário de campo que acompanhou a dinâmica dos romances e tem os registros dos trechos centrais para a resposta do problema dessa pesquisa exploratória aqui revisitada para publicação¹.

Durante a análise dos romances, atravessarei quatro aspectos: a forma como o romance foi escrito (narrativa); sua relação com a história da época; o que ele expressa sobre a homossexualidade; e o que expressa sobre a religião espírita ou o espiritualismo independente.

Para a análise formal do romance, recorri ao livro “Introdução à análise do romance” de Yves Reuter (2004). Com relação aos aspectos da sexualidade, apoiei-me em textos clássicos das ciências humanas, especificamente do campo de estudos gays e de gênero; como também me apoiei na sociologia e antropologia da religião para a compreensão do espiritismo e do espiritualismo. Para dar conta do efeito de verdade produzido e reproduzido na literatura mediúnica para seus leitores, propus que nos apropriássemos da noção de aleturgia, presente na filosofia de Michel Foucault.

¹ Este artigo é um desdobramento da pesquisa “Representações sociais da homossexualidade em romances mediúnicos e espíritas com temática homossexual”, orientada pela Dra. Alessandra El Far e financiada com bolsa de pesquisa do CNPQ entre 2014-2015.



Ao longo das seções deste artigo, farei alguns panoramas sobre a história do espiritismo e seus dogmas, as cisões internas à religião, antes de analisar especificamente a representação da homossexualidade nos romances selecionados. Essas incursões são necessárias para situar os/as leitores/as em relação às condições de produção dos romances.

O ESPIRITISMO NO SÉCULO XX

Cada época na história do espiritismo brasileiro conta com nomes que se destacam e ajudam a formatar o pensamento espírita corrente. Essas pessoas destacam-se por suas atividades mediúnicas, filantrópicas ou por ambas. Quero relembrar que os espíritas costumam dizer que sua doutrina tem o tríplice aspecto de: filosofia, religião e ciência. Diante disso, Marion Aubrée e François Laplantine (2009) identificaram também outra tríade composta por: estudo, mediunidade e caridade.

Essa trindade é recorrente na organização dos centros espíritas que estudaram, nas obras e nos elementos biográficos de Antônio Gonçalves da Silva (Batuíra), Cairbar Schutel, Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo, Zé Arigó, Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco e muitos outros que se destacaram no século XX e ainda se destacam no século XXI.

Entre os nomes mencionados e os não mencionados, Chico Xavier, mesmo falecido, é o que mais se destaca e que melhor representa o ideário espírita, antes estabelecido por Bezerra de Menezes (Célia ARRIBAS, 2010). Segundo Bernardo Lewgoy (2000) “[...] Chico Xavier é o grande consenso do espiritismo brasileiro e o mais citado nos centros espíritas, depois de Kardec e antes de Divaldo Franco” (Bernardo LEWGOY, 2000, p. 125).

Médium psicógrafo, ele escreveu mais de 400 livros que se tornaram clássicos para os adeptos da religião. Ele emergiu da classe popular, e aqueles que analisaram sua trajetória reconheceram, no desenvolvimento de seu trabalho religioso, as características gerais da noção de santidade: sofrimento, renúncia e afastamento do mundo (Sandra STOLL, 2003; Bernardo LEWGOY, 2000).

Essas três características, na visão de Sandra Stoll (2003), conformam o estilo brasileiro de ser espírita que se origina em Chico Xavier de modo enraizado na tradição católica e que se consolida nos anos 1950.



No final dessa mesma década, o espiritismo começa a ser estudado no Brasil pelas ciências sociais.

A primeira publicação sobre ele é o clássico trabalho de Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1961) que, na época, perguntava-se pela estrutura e a função do contínuo mediúnico formado pelo kardecismo e pela umbanda na sociedade paulista. Camargo, ao descrever e explicar a função do espiritismo nos anos 1960, traçou os principais aspectos e temáticas que futuramente seriam desdobradas nas pesquisas em ciências sociais.

Para Camargo (1961), a função do espiritismo é, ao mesmo tempo, a das religiões em geral – integração social – e, também, uma função terapêutica. A partir dessa visão, outros trabalhos foram desenvolvidos, interrogando questões relativas à estrutura do espiritismo no Brasil ou aprofundando-se em sua função terapêutica.

Além do fenômeno Chico Xavier e do esquadrihamento do espiritismo pelas ciências, foi no século XX que os centros espíritas, as editoras e as publicações espíritas aumentaram. E a partir dos anos 1960, no estado de São Paulo, a Rádio Boa Nova – uma instituição de grande importância para a divulgação do espiritismo – surgiu no espaço social.

Décadas depois, nos anos 1990, o centro espírita Nosso Lar Casas André Luiz, que é mantenedor da Rádio Boa Nova, transforma-se em uma fundação focalizada na divulgação do espiritismo. Avançando ainda mais no século XXI, a fundação transmitiu o conteúdo espírita pela internet, em 2001, e pela televisão por satélite, em 2003.

Por fim, o movimento espírita também viu surgir a dissidência de pessoas notáveis para a religião como Waldo Vieira, Zibia e Luiz Gasparretto. Elas tomaram caminhos próprios e foram bem-sucedidas em suas novas carreiras doutrinárias ou mesmo mediúnicas, mas independentes da instituição social religião.

Waldo Vieira, por exemplo, era um médium psicógrafo que escreveu alguns livros da série André Luiz, algumas das psicografias mais famosas do espiritismo, junto com Chico Xavier, e que teve tudo para ser uma das grandes lideranças da ortodoxia espírita. Segundo Edênio Valle (2012), ele tinha uma parceria com Chico Xavier que era um misto de colaboração e discipulado. Então, em 1966 ele rompeu com a ortodoxia



kardecista para fundar a conscienciologia/projeciologia para explorar a prática das experiências do espírito fora do corpo sem estar morto, o que ele batizou de “projeção da consciência”. Ele continuou escrevendo, mas sem a linguagem espírita e com o objetivo de sistematizar a sua nova prática. Atualmente, sobre Waldo Vieira se faz silêncio ou poucas menções por causa da importante série de livros em que ele esteve envolvido na produção.

Entretanto, sobre o caso da família Gasparetto – o mais polêmico – ainda se falava nos centros, entre espíritas e até na imprensa nacional. Por exemplo, quando fui consultar por telefone uma associação espírita para saber se ela tinha dados oficiais sobre a literatura espírita, em meio à conversa, a pessoa que me atendeu disse que a Zibia Gasparetto era uma das romancistas que mais vendiam e das mais famosas, mas que precisava ser explicado que, hoje, ela fazia romances espiritualistas, misturando ficção às suas psicografias.

Mesmo nesse episódio mencionado “a título de informação”, podemos ver como os espíritas tratam a literatura mediúnica e romântica com pretensão e efeito de verdade, distinguindo-a da literatura ficcional.

A seguir, discutirei a psicografia, prática mediúnica e espírita, que gera as mensagens e fundamenta sua legitimidade dentro dos termos da teologia espírita. Logo, voltaremos ao caso emblemático de Gasparetto, na seção espiritismo e espiritualismo, apropriando-se de informações da imprensa nacional.

FUNDAMENTOS DA PSICOGRAFIA NO ESPIRITISMO

Quando se trabalha com um objeto de pesquisa que produziu ao longo da história o próprio saber escrito, uma das alternativas das ciências humanas é retomar a esse saber. Foi o que fez grande parte dos cientistas sociais que tentou compreender o espiritismo. Na esteira dessas pessoas, eu retomo o que está escrito em “O livro dos médiuns e dos doutrinadores” (2013) para definir o fenômeno da psicografia tal como os espíritas a concebem.

Há, nessa obra, uma parte só sobre manifestações e, em um dos itens, a chamada “psicografia”. Como ficou definido e conhecido, psicografia é o fenômeno da obtenção de comunicação com os espíritos



pela escrita. A primeira parte dessa seção do livro explica a psicografia indireta, e a segunda parte explica a direta.

Na escrita indireta, as pessoas contam com objetos que ajudam o lápis a se mover; na escrita direta, a mão age diretamente sobre o lápis. Para melhor explicar a psicografia, “O livro dos médiuns” cita o exemplo do lápis. Na escrita indireta, há um lápis enfiado em algum objeto como um funil, e as pessoas, sempre em par, seguram o funil que será impulsionado pelo espírito comunicante.

Na escrita direta, há apenas o lápis e o médium que terá sua mão ou alma impulsionadas pelo comunicante. Esse tipo de escrita ficou muito popular pelas mãos de Chico Xavier e pela produção cinematográfica sobre ele.

A psicografia está intrinsecamente envolvida nos eixos: estudo, mediunidade e caridade. No primeiro, por produzir textos que atualizam o espiritismo; no segundo, por sua própria natureza de trabalho mediúnic; e no terceiro, pelas mensagens direcionadas aos que buscam o espiritismo para obter notícias dos parentes falecidos (desencarnados). A psicografia e a cirurgia espiritual são as maiores produtoras de expoentes do espiritismo, destacando-os da “multidão de médiuns” e lhes dando singularidade histórica e identificação.

Do ponto de vista das ciências sociais e das ciências da religião, a aceitação tácita do pressuposto que os espíritos existem e podem se comunicar é fundamental para a compreensão das práticas espíritas, na medida em que essa tese é uma das razões fundantes da ética e das ações sociais dos espíritas.

ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO

Desde o século XIX, quando o espiritismo foi sistematizado como religião, os vocábulos espiritismo e espírita tornaram-se termos de distinção de outros movimentos. Naquela época, Allan Kardec tentava se diferenciar do espiritualismo moderno que corria os Estados Unidos e a Europa. Passados esses tempos, no Brasil, o termo kardecismo também funcionou como forma de diferenciação entre espíritas religiosos e espíritas científicos.

Foi usado igualmente para distinguir/afastar o espiritismo de sociogênese francesa do Candomblé herdado da África e da Umbanda brasileira. Dessas diferenciações, a que mais nos importa neste momento



é a primeira. O espiritismo conseguiu se afastar desse espiritualismo e tomar feições próprias.

O Brasil é exemplo de como os seus traços se tornaram religiosos, priorizando muito mais as transformações de conduta do que o aspecto fenomenológico. No entanto, segundo Sandra Stoll (2003), do início dos anos 1980 em diante, o modelo hegemônico começou a sofrer várias críticas e algumas dissidências, o que daria ao “espiritismo à brasileira” duas interfaces: uma religiosa, representada principalmente por Chico Xavier; e uma mais próxima das teorias esotéricas e espiritualistas dos primeiros tempos, representada por Luiz Gasparetto. Se, quando nos referimos a Chico Xavier, reiteramos a noção de santidade à moda católica, quando escrevemos sobre Gasparetto – a partir dos anos 1990 e principalmente no século XXI – pensamos em algo crítico ao catolicismo e à imagem da santidade nos seus aspectos do sofrimento, da renúncia e do afastamento do mundo.

Esse segundo *modus operandi* não só fundará uma prática própria e independente como irá também influenciar na produção de romances, pois a família de Gasparetto tem uma das principais editoras de livros espíritas do país, a editora Vida & Consciência. Quando começamos a seção supracitada “O espiritismo no século XX” e refletimos sobre espíritas dissidentes no século XX, mencionei o caso de Waldo Vieira em profundidade, mas comecei o caso da família Gasparetto para continuá-lo aqui, porque o molde que as práticas deles constituíram têm grande valia no subespaço social da literatura espírita.

Na família Gasparetto, havia vários médiuns, com diferentes habilidades; entre eles, Zibia Gasparetto, matriarca da família, e Luiz Gasparetto – um de seus filhos. Os dois eram os que mais se destacavam na mídia. A mãe foi uma das autoras mais vendidas e famosas do gênero romance espírita, e o filho foi um dos médiuns de pintura mediúnica mais famosos que o Brasil já teve.

Além dos espíritas, quem não silenciou também sobre a família Gasparetto foi a imprensa brasileira. Exemplos disso foram as revistas *Época* e *Isto é*, que nos anos de 2003 e 2013, respectivamente, tomaram a família (2003) e a matriarca Zibia Gasparetto (2013), como objeto de duas matérias de capa sobre suas práticas espíritas.



A primeira matéria se chamou “O fenômeno Gasparetto” (2003), com a chamada: “conheça a família que transformou o espiritismo e a mediunidade num negócio milionário”. Com destaque para as palavras “negócio milionário”. A segunda matéria chamou-se o “O império espírita de Zibia Gasparetto” (2013). Ainda hoje, a versão digital de uma das matérias pode ser encontrada no site da revista *Época* e comentários sobre elas são encontrados em portais e blogs espíritas.

É dos fragmentos das matérias analisados em meados de 2015 que vou recuperar algumas informações sobre a família Gasparetto, cujas ideias serão também importantes para a compreensão do romance “A última chance” (2008). Os dois artigos jornalísticos mantêm entre si uma relação de continuidade, enfatizando o negócio que a família Gasparetto formou em volta da mediunidade.

Ambos reproduziram o que Zibia supostamente disse sobre a fundação de uma empresa gráfica e editorial, que teria sido um conselho dos espíritos com quem trabalhou. Além disso, afirmaram que a influência de Luiz Gasparetto foi decisiva para a virada espiritualista da matriarca. Os textos também mencionaram que a mudança de Zibia no campo do espiritismo não veio sem críticas da ortodoxia espírita. Nos dois textos, a senhora Gasparetto foi colocada em oposição a Chico Xavier e a Divaldo Franco (este que seria, no começo do século XXI, o novo líder da ortodoxia), e o grande ponto de conflito seria primordialmente a apropriação do capital econômico gerado pela produção dos livros. Algo que nem Chico Xavier, nem Divaldo Franco e nem outros membros tradicionalistas fariam para seu uso pessoal.

No texto mais recente (2013), na parte da entrevista, Zibia não fala mais do espiritismo como sua religião e diz não se importar com o rótulo de espiritualista. Outras questões polêmicas que a matéria tocou foram sobre o uso do dinheiro obtido pela psicografia e sobre a relação da médium com a Federação Espírita Brasileira (FEB). Respondendo sobre isso, Zibia disse que o importante é que está utilizando o dinheiro bem. E, sobre sua relação com a FEB, ela faz algumas críticas à federação por não aceitar perspectivas diferentes, como a Umbanda e a interpretação livre da revelação espiritual e demonstra, em sua resposta, certa gratidão pelo capital religioso que adquiriu lá com o qual investiu em sua



carreira mediúnica. O mesmo texto, “A senhora dos espíritos” (2013), vai ainda mais longe e afirma que a virada espiritualista de Zibia Gasparetto deu-se no seu 11º romance, “Pelas portas do coração”, de 1995. E que, nessa mudança, os romances de Zibia tornaram-se de leitura mais ágil, menos descritivos e com mais diálogos, com reduzidíssimas referências ao kardecismo e com trama contemporânea.

Nesse momento, o melhor que temos a fazer é guardar essas características apontadas para os romances publicados por Zibia Gasparetto a partir de 1995, pois logo estaremos diante de uma obra publicada por sua editora e que, adiantado, tem uma trama contemporânea e reduzidíssimas referências ao espiritismo ortodoxo. O artigo chega a montar um infográfico com as definições de espiritismo, espiritualismo e umbanda. Desse infográfico, interessa-nos a definição de espiritualismo:

É um grupo que absorve as interpretações mais radicais e pessoais do espiritismo e a mistura com tradições orientais do budismo e do hinduísmo. Também invoca espíritos por meio de práticas como a cromoterapia e o uso de cristais. No espiritualismo, por exemplo, estão autores como Zibia e Luiz Gasparetto, que flertam ainda, com a autoajuda e têm forte influência da chamada Nova Era. (João LOES, 2013, s/n).

Dessa definição e dos elementos do trabalho religioso de Zibia Gasparetto expostos acima, particularmente, podemos extrair algumas características do seu espiritualismo e o do filho, que são importantes para a compreensão do romance “A última chance”: a mistura de aspectos de outras denominações religiosas, a relação com a autoajuda, a crítica ao catolicismo e ao espiritismo ortodoxo, a relação mais liberal com a mediunidade e com o dinheiro.

Por fim, esses são alguns dos traços que a corrente espiritualista tem e que também podem ser encontrados no livro “A revelação da Luz e da sombra”, de Luiz Gasparetto, e que remete ao observado, anos antes, por Sandra Stoll (2005). A ênfase no autoinvestimento é o que caracteriza o modelo executado por Luiz Gasparetto, apoiado nas teses da autoajuda e do movimento de Nova Era Sandra STOLL (2005).



ESPIRITISMO E BENS SIMBÓLICOS

O espiritismo, ao longo de sua história no Brasil, produziu inúmeros bens simbólicos, ou seja, uma série de produtos que têm o duplo caráter teorizado por Pierre Bourdieu (2013, p. 102-3), de “mercadoria e significações”, “[...] cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural”.

Na produção desses bens por parte dos espíritas, os romances psicografados são os mais volumosos e, também, são os mais importantes para este trabalho. Entretanto, eles fazem parte de um segmento de bens simbólicos bem mais amplo. Marion Aubrée e François Laplantine (2009), em seu trabalho, deram muita ênfase na música e na pintura mediúnic. Ou seja, na criação, por parte dos espíritos, por intermédio de um médium, de música ou de telas. Nessa última, destacou-se Luiz Antonio Gasparetto, até a década de 1990, por ter pintado vários mestres da pintura europeia e alguns nacionais.

Além disso, há os produtos de consumo cultural que não são propriamente produzidos por um espírito, por intermédio de um encarnado, mas são desdobramentos de artefatos mediúnicos: adaptações de romances para o teatro e para o cinema. No teatro paulista, sempre havia montagens dos romances de Chico Xavier ou de Zibia Gasparetto. De Chico Xavier, as adaptações mais comuns são do romance “Nosso Lar” e de “Há dois mil anos”.

Na loja virtual da editora Vida & Consciência, a qual publica os livros psicografados por Zibia Gasparetto, podíamos encontrar a coleção teatro, que é um conjunto de seis livros dela adaptados para o teatro. Os títulos são: “O matuto”; “O advogado de Deus”; “Esmeralda”; “Ninguém é de ninguém”; “O amor venceu”; e “Laços eternos”. Desses textos adaptados disponíveis para compra, os três últimos já foram representados em palcos nos últimos anos em vários teatros de São Paulo, como também tiveram apresentações itinerantes por várias cidades no Brasil. Segundo Sandra Stoll (2005), o livro “Laços eternos” “[...] foi adaptado em 1991, permanecendo em cartaz por quatro anos com apresentações realizadas em várias cidades do país” (Sandra STOLL, 2005, p. 178).



Outra produção artística marcada pelo ideário espírita que ganhou destaque nos últimos anos são os filmes que primeiro estreiam no cinema e depois são transmitidos na televisão. Da obra de Chico Xavier, adaptaram “Nosso Lar” em 2010 e “E a vida continua” em 2012. Além de realizarem filmes sobre ele, realizaram um filme sobre o expoente espírita Bezerra de Menezes em 2008.

Esses filmes não foram as primeiras produções audiovisuais espíritas, mas foram adaptações de produtoras grandes que acabaram envolvendo atores da maior emissora de televisão do Brasil. Isso nos mostra que esses bens simbólicos têm “plasticidade ideológica” e possibilidades reais para entrarem em diferentes segmentos do espaço social.

No que concerne às letras, ainda segundo Marion Aubrée e François Laplantine (2009), logo no início da doutrina espírita, na França, na segunda metade do século XIX, o espiritismo inspirava literatos de forma direta e indireta. Os temas e termos eram incorporados por Victor Hugo e seus contemporâneos, logo as preocupações espíritas e os fenômenos estavam em várias obras. Assim, Kardec acabou fornecendo material para a literatura francesa de sua época.

Além disso, esse movimento repetia-se no Brasil com Bezerra de Menezes que escrevia literatura baseando-se nos dogmas espíritas. Entretanto, para Marion Aubrée e François Laplantine (2009), foi depois de Chico Xavier que a poesia mediúnica e o romance mediúnico de grande tiragem difundiram-se. Com crescimento ainda maior a partir dos anos 1950, escritos por mulheres. Em seu trabalho, os autores citam Ivone Pereira, Zibia Gasparetto e Marilusa Vasconcellos, como as mais prolíficas. Acerca das histórias, eles escrevem:

Encontram-se todos os gêneros, com uma queda especial pelos romances históricos ambientados no Egito dos faraós, na Roma imperial, na França dos séculos XVII, XVIII e XIX e, às vezes, no Brasil, cuja história é então reinterpretada em função do novo enfoque “espiritual” e reencarnacionista. Este último permite variações sobre o tema “quem foi quem” e tem novas “explicações” sobre os motivos das desgraças ou bem-aventuranças do país. (Marion AUBRÉE; François LAPLANTINE, 2009, p. 191).



Quando Cândido Camargo estudou o espiritismo nos anos 1960, ele percebeu que a religião tem um feitiço intelectual que estabelece diálogo com outras correntes, em especial, o ideal de pensamento escolar da época. Nesses diálogos, segundo ele, são expressas concepções filosóficas, valores e preocupações do kardecismo (Cândido CAMARGO, 1961)

Para nós, em especial, interessa a seguinte observação do autor: “Interessante e bem merecedor de estudo aprofundado é o fato de que o Espiritismo constitui uma das doutrinas mais vivas – talvez a mais importante – entre as que plasmam através do livro a mentalidade do homem brasileiro” (Cândido CAMARGO, 1961, p. 142).

No íterim do período de pesquisa de Camargo, nos anos 1960, o livro espírita era o mais bem-sucedido em detrimento de outras religiões e de outras literaturas identitárias, como a política e a filosófica. Já em suas observações daquela época, ele reconhecia que a literatura de ficção espírita era amplamente difundida.

Os autores mais publicados naquela época eram Allan Kardec e o fenômeno mediúnico mais conhecido no Brasil – Francisco Cândido Xavier. Para Cândido Camargo (1961), que tinha como questão central a urbanização da sociedade, o livro espírita ajudava a formar o “[...] caráter adequado à sociedade urbana [...]” (Cândido CAMARGO, 1961, p. 146) que, na época em que ele escrevia, formava-se no Brasil em geral.

E esse mesmo livro seria coerente com as funções de “[...] internalização e orientação da vida [...]” (Cândido CAMARGO, 1961, p. 146). O autor alega ter analisado os livros mais lidos da época, mas não menciona quais foram. Nas suas considerações, o livro (espírita) funciona como guia para a vida e confirmação da experiência espírita.

Ele ressalta que “o livro espírita serve para avivar as certezas fundamentais” (Cândido CAMARGO, 1961, p. 146) e que a “leitura propicia o relacionamento da experiência pessoal com as verdades fundamentais da doutrina” (Cândido CAMARGO, 1961, p. 146). Ele chega a ir mais longe, enfatizando que o aspecto da experiência é um aspecto muito relevante para a literatura espírita (de ficção) de tal modo que a descreve assim:



“[...] consiste, em grande parte, em relatar histórias de espíritos, cuja variedade de carreiras através das encarnações podem servir de exemplo, admoestação e exortação para os fiéis em busca de orientação. O fato desta multiplicidade de histórias espirituais representar em sua variedade as centelhas em que fulgura a Lei da evolução, eterna e justa, vem dar verdadeira densidade religiosa – e eficácia psicológica – à sua função exemplar”. (Cândido CAMARGO, 1961, p. 146-7).

Marion Aubrée (2012) também se dedicou a analisar a literatura espírita, em especial, o romance espírita. Ela relata que foi no segundo decênio do século XX que começaram a aparecer os primeiros escritos no Brasil. Ela forneceu a data de 1917, quando houve a publicação de “Na sombra e na luz”, que seria o primeiro romance espírita brasileiro, assinado pelo espírito Victor Hugo, psicografado por Zilda Gama e publicado pela Federação Espírita Brasileira.

Apoiando-se em Ernest Cassirer, em especial no segundo volume de “Filosofia das formas simbólicas”, Marion Aubrée defendeu que o romance espírita realiza uma apropriação mítica da história. Segundo ela (2012, p. 152), para Cassirer, o mito encena crenças e seria o termo anterior à história. E no espiritismo brasileiro essa relação estaria invertida, a narrativa faria uma reapropriação mítica da história.

ALETURGIAS HUMANA E RELIGIOSA

Diante do quadro composto acima, recupero do pensamento de Michel Foucault o conceito de aleturgia e ofereço-a como minha alternativa para a compreensão da literatura mediúnica de filiação espírita ou espiritualista em geral, em especial, dos romances.

Considerando a extensão do pensamento de Foucault e sua multiplicidade, aqui só me aproprio de um fragmento, aquele expresso no curso “Do governo dos vivos” (2014). Essa incorporação se dará assim por dois motivos. O primeiro é pela ausência de domínio do conjunto da obra do pensador. O segundo é pelos deslocamentos que ele faz dos objetos de pesquisa em sua obra.

É nas duas primeiras aulas que o Michel Foucault, que ministrou aquele curso em 1980, define aleturgia como “o conjunto de procedi-



mentos possíveis, verbais ou não, pelos quais se revela o que é dado como verdadeiro em oposição ao falso, ao oculto, ao indizível, ao imprevisível, ao esquecimento [...]” (Michel FOUCAULT, 2014, p. 8).

Foi ao analisar a história de Sétimo Severo e a tragédia Édipo Rei que Foucault identificou e teorizou dois tipos de “manifestação ritual da verdade”, a religiosa e a humana. Além disso, reconheceu a própria tragédia (gênero predecessor do romance), como uma aleturgia, com outras aleturgias intrínsecas.

Esse reconhecimento da tragédia como aleturgia ocorre porque a tragédia, com seus recursos, “[...] dá a ver o verdadeiro” (Michel FOUCAULT, 2014, p. 24). Além disso, nessa mesma página, ele afirma que ela, ao representar dizer a verdade (que ela fará com os testemunhos dos escravos e as consultas ao oráculo que são narradas), também manifesta a verdade em sua economia interna.

É dessas representações do oráculo e dos humanos que Foucault identifica a manifestação ritual religiosa e humana que, na visão dele (Michel FOUCAULT, 2014), são duas instâncias diferentes da verdade. É pelos modos de extração, pelos saberes que produzem, pelos modos de ver e dizer e pela relação com o tempo.

No próprio curso de Foucault, as aleturgias são apenas intersecções de uma grande rede para a compreensão da relação entre verdade e poder. A questão de Foucault em “Do governo dos vivos” é “em que medida a arte de governar os homens implica algo como uma manifestação de verdade?” (Michel FOUCAULT, 2014, p. 8).

Tal rede que vai da aleturgia para a subjetivação, dessa para os atos de verdade e deles para os regimes de verdade poderia ser igualmente transferida para este texto e constituiria um interessante experimento de sociologia da religião; mas vejo que, se quero conciliar aleturgia com a concepção de representação social de Becker (2009), é preciso me desviar do caminho percorrido por Michel Foucault, pelo menos explicitamente.

A transposição que proponho da obra de Foucault para este trabalho sobre os romances espíritas, vai no mesmo sentido de reconhecê-los como “manifestação ritual da verdade”, tanto o artefato romance espírita/espiritualista, quanto as manifestações narradas neles.



Quando esse procedimento está a dizer a “verdade” para os espíritas e para os espiritualistas, como também para todos aqueles que aceitam e reiteram a gramática que os rege (esboçada aqui em seções anteriores), eles falam da sociedade que o produziu e das suas instituições, entre elas a sexualidade e, dentro dela, as orientações que o desejo pode tomar.

Diante dessas perspectivas, eu proponho que observemos o romance espírita a partir do conceito de aleturgia – esboçado por Foucault –, e de representação social – ensaiado por Becker (2009). Não negligenciado nem o aspecto êmico da experiência descrito por Camargo, nem a reapropriação mítica da história, para que seja possível ensinar as próprias crenças observadas por Aubrée.

O CONTEXTO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DOS ROMANCES

Os romances foram escritos em um momento em que houve, e ainda há, lutas políticas intensas, em muitas sociedades, pelos direitos humanos das chamadas minorias sexuais e de gênero. Pensando que essa luta política (internacional) em torno dos direitos civis para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais ainda está longe de terminar, o sociólogo Luiz MELLO *et al.* (2012, p.158) afirma que “não há aqui, nos EUA, na França, em Uganda ou no Japão, para ficarmos com alguns exemplos aleatórios, um acordo social minimamente pactuado que assegure os direitos civis de integrantes destes segmentos sociais”

Para os autores, “Hoje como nunca, o debate sobre direitos civis de pessoas LGBT está na ordem do dia. Mas também hoje, como jamais se viu, a homofobia fundada em argumentos religiosos e machistas tem assumido no Brasil um viés ultra intolerante e violento” (Luiz MELLO *et al.*, 2012, p. 158).

Mesmo o público mais amplo, sabe que os romances analisados a seguir e este texto que redijo foram escritos em um tempo de pouco reconhecimento das demandas do coletivo LGBT pelo poder público e de pouca participação política desse grupo nos diferentes planos de decisão da esfera política brasileira.

E, por outro lado, um período de intensificação do fundamentalismo religioso cristão brasileiro. Momento em que ocorre crescente



ocupação de posições privilegiadas no campo político brasileiro por homens sacerdotes, especialmente, no legislativo nacional. Na visão de Luiz Mello *et al.* (2012) houve o “[...] fortalecimento de grupos religiosos que transformaram o combate a direitos sexuais e reprodutivos em sua principal bandeira de luta na esfera pública” (Luiz MELLO *et al.*, 2012, p. 158). Ou seja, a utilização de capital e poder políticos para barrar projetos que realizam a concessão de direitos para as mulheres e para os LGBTs.

Em paralelo a isso, no espiritismo, a figura emblemática de Chico Xavier não está mais viva, mas continua influenciando os espíritas pela lembrança de seu exemplo ou pela força do mito que é para eles. Outros escritores estão no centro do subespaço social da literatura espírita, produzindo muito e na esteira do espiritualismo de Zibia e Luiz Gasparetto realizando críticas imanentes ao espiritismo, dentro de seus próprios livros, como é caso dos romances do médium psicógrafo Robson Pinheiro. Alguns prefácios de suas obras são utilizados pelo editor para responder e retaliar críticas.

NARRATIVA E ANÁLISE DE “A ÚLTIMA CHANCE”

O livro está graficamente construído em tons sóbrios, com capa em preto e branco, o título e o prefácio em vermelho. Logo na primeira página, há uma citação da autora de autoajuda Louise L. Hay, e, na contracapa, um texto assinado por Luiz Gasparetto. Nesses dois espaços estão gravadas as influências que atravessam as 457 páginas.

Pelos próprios aspectos do romance, podemos observar a importância de Luiz Gasparetto para o médium Marcelo Cezar. No prefácio do livro, o psicógrafo conta-nos sua relação de proximidade com Gasparetto e ainda temos que levar em conta que a maioria dos livros de Marcelo foram publicados pela editora Vida & Consciência, de propriedade da família Gasparetto.

Além disso, o médium informa-nos também que há, na produção do livro, uma divisão de trabalho entre ele e o espírito Marco Aurélio. O espírito entra com a maior parte, ou seja, com a história, e Marcelo complementa com pesquisas em fontes documentais sobre a história ou a situação da época.



Aspecto literário 1 – Sinopse da história

A díade Homossexualidade e AIDS é o assunto do romance e, particularmente, toca Marcelo, porque ele foi uma testemunha da época, vários de seus amigos morreram em decorrência da epidemia de HIV/AIDS dos anos 1980.

Esse romance cujo enredo se passa principalmente no Estado de São Paulo e, mais especificamente, na cidade de São Paulo, está, segundo seu autor, baseado em fatos e narra simultaneamente a história de Roberto e Sérgio no período que vai da década de 1970 aos anos 2000. Tal localização temporal coloca a trama no centro de um dos períodos mais críticos da história da homossexualidade e da “comunidade gay” que foi a emergência do HIV/AIDS e seu impacto sobre os homossexuais masculinos.

Sérgio é um homem experiente, originário do Paraná, que foi forçado a assumir sua homossexualidade após ser flagrado pelo pai transando com um vizinho em uma choupana. Expulso de casa, ele migra para São Paulo, onde estuda matemática e, posteriormente, ensina em colégios particulares, inserindo-se paulatinamente no “meio gay”, ainda que tivesse dificuldade de autoaceitação.

Roberto, por sua vez, é inicialmente um adolescente, da cidade de Jundiaí, efeminado, assediado física e moralmente por um colega de escola (Denis) e sua gangue. Rejeitado e violentado pelo pai, com uma mãe que pouco pode fazer diante do marido, ele é apoiado pelos irmãos mais velhos. Com o término do Ensino Básico, muda-se para São Paulo para concorrer a uma vaga em um curso de medicina, em uma universidade pública não mencionada, tornando-se infectologista ao longo da história, profissão descrita pelo romance como sua “missão espiritual”.

Sérgio tem vários relacionamentos que fracassam, até se envolver com Vicente, um comissário de bordo que também foi rejeitado pela família e, supostamente por isso, não leva nenhum relacionamento a sério. Tem muitos parceiros sexuais e é infiel.

Roberto, depois da mudança, pouco se envolve com homens e preocupa-se mais com seus estudos de medicina, ou seja, com o cumprimento, mesmo que inconscientemente, de sua missão espiritual.



O romance chega aos anos 1980, com Vicente e Sérgio contaminados pelo HIV. E Roberto formado infectologista.

Depois de muito sofrimento, Vicente falece (desencarna na linguagem espírita) e Sérgio confirma a suspeita de ter a doença. É a partir de então, da parte positiva da reação ao contágio que os dois se encontram ou, como mostra um capítulo do romance, reencontram-se para realizar o amor que foi ultrajado na encarnação passada por interesses materiais e sociais do, hoje, Roberto.

Aspectos literários 2 – Personagens e suas tramas

Nesse romance, os personagens são individualizados e bem caracterizados tanto no nível objetivo (aspectos físicos e sociais), como no nível subjetivo. Além disso, passam por complicações ou intrigas que são fundamentais para o desenvolvimento da história e das representações expressas na narrativa.

O romance “A última chance” (2008) tem, na interpretação que ofereço aqui, sempre dois núcleos que levaram muitas páginas para se unificar. Cada um dos protagonistas – Sérgio e Roberto – teve, na maior parte do livro, uma rede de relações diferente. Mesmo tendo dois protagonistas, o livro é centrado em Sérgio.

Ele é professor de matemática, mora em São Paulo e tem problemas de aceitação. Ele assumiu sua homossexualidade aos 17 anos, de uma forma que o narrador considera triste e dolorosa, “como ocorre ainda com a maioria dos gays” (Marcelo CEZAR, 2008, p. 49). Um homossexual masculino que não aceita sua orientação sexual e tem uma visão muito negativa de si mesmo. Rejeição familiar, migração compulsória para a grande metrópole São Paulo, conflitos subjetivos, relacionamentos não duradouros/malsucedidos e contaminação pelo HIV são as complicações pelas quais o personagem passa no romance.

Enquanto Roberto é, em boa parte do livro, um jovem homossexual afeminado que tem como complicações a violência física e simbólica dentro e fora de casa, nas mãos do amigo e antagonista Denis, vive, ao mesmo tempo, os conflitos típicos de qualquer jovem de classe média, dos quais um central é passar em uma boa universidade, de preferência pública.



Adiante, no livro, Roberto tem uma vida pessoal satisfatória, depois de tê-la sacrificado por longo tempo em nome da “missão” de se tornar médico, infectologista.

Tanto na caracterização física de Sérgio, como na de Roberto e de outros personagens, quando se descreve um homem homossexual, dá-se grande ênfase ao gênero da qual se aproxima. Repetidas vezes, na percepção do narrador e de alguns personagens, a feminilidade é utilizada como “sinal de exterioridade” da homossexualidade.

O que nos remete a Judith Butler (2012), quando define gênero como:

[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Judith BUTLER, 2012, p. 59).

No caso do romance aqui analisado, o “ser homossexual”.

Nesse sentido, o romance reproduz uma lógica frequente na sociedade brasileira, observada pelo antropólogo Peter Fry (1982) entre o final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, que é a do uso da performatividade de gênero como um sinal para se identificar e enquadrar um homossexual.

Retornemos aos dramas das personagens: para lidar com as complicações nos diferentes momentos que passaram na narrativa, eles contaram com uma rede de relações que, igualmente, passou pelos próprios dilemas em histórias secundárias. Faziam parte do núcleo de Sérgio os personagens Cláudio, Vicente e Carlos. Entre os três, Cláudio era o personagem com menos complicações. Apesar de sua orientação sexual ser um ponto de silêncio em casa, sua autoaceitação era exemplar e, mesmo depois de morto no romance, ele continuou tentando ajudar o amigo Sérgio.

Já Vicente foi o personagem de conflitos reprimidos, rejeitado pela família, tal como Sérgio que teve que efetuar uma migração compulsória para São Paulo. Relacionamentos duradouros e fidelidade não eram o forte dele. Seu maior drama no romance foi viver um período com AIDS, sofrendo com isso de modo intenso. Ainda no núcleo de Sérgio,



há o personagem Carlos que é um ex-namorado de Vicente e tem problemas de relacionamento. Ele costuma se enganar ou ser enganado pelos homens com quem se envolve, sendo que, por duas vezes no livro, é deixado por seus parceiros que, no fundo, queriam outro tipo de relacionamento: aberto.

Do núcleo de Roberto, faziam parte a personagem Helena e Otávio (os pais), os irmãos Eliane e Ricardo, o tio falecido Otacílio, o colega de escola Denis (que por um tempo foi o antagonista) e a personagem Leila, a sua melhor amiga. As complicações que Helena passou durante boa parte do romance foram relacionadas à orientação sexual do filho Roberto e ao tratamento violento que o marido Otávio lhes dispensava.

Já os conflitos de Otávio eram relacionados à perda do irmão Otacílio que era homossexual e foi assassinado, junto com o parceiro Venceslau, pela mulher do afeto. Além disso, ele tinha que lidar com o medo de que o filho também tivesse o mesmo destino trágico.

A irmã Eliane tinha as dificuldades com o marido Alaor, o qual se transformou depois do casamento e se mostrou uma pessoa muito egoísta que só suportava o casamento por convenção social. Depois de se separarem, as complicações de Eliane eram criar a filha que teve no casamento e conseguir se juntar a Nicolas, irmão da esposa de Ricardo, por quem se apaixonou.

Diferentemente da maioria dos personagens, Ricardo não passou por dificuldades no romance. Denis foi, durante o começo do livro, o antagonista de Roberto. Seus conflitos eram dois. Primeiramente, não se aceitar como homossexual e, por isso, perseguir o amigo. Em segundo lugar, ter sofrido um acidente em que precisou de uma transfusão de sangue de Roberto.

Leila, a melhor amiga, é uma mulher experiente que teve uma vida dura. No começo da trama de Roberto, ela está perto dos 40 anos. Foi mãe solteira, cujo filho foi retirado dela por ordem da família do afeto. Usou Jundiáí como refúgio. Ela conheceu Roberto quando ele estava fugindo de seu perseguidor Denis. As grandes complicações de Leila foram encontrar o filho perdido, refazer sua vida pessoal e, depois que encontrou o filho, cuidar dele contaminado e gravemente afetado pelo/a HIV/AIDS.



Por fim, Gina é uma espécie de mentora espiritual dos personagens, ela aparece para conversar com eles depois que dormem e saem do corpo ou quando tenta intuir coisas boas aos protegidos. Na verdade, ela é a parceira amorosa de Cláudio e fez parte da rede de relações dos protagonistas na vida passada. As histórias desses dois núcleos, apesar de narradas muitas vezes no mesmo capítulo em seções distintas, não ocorriam exatamente ao mesmo tempo. Isso pode ser observado pelos acontecimentos que os personagens mencionam. Essas mesmas menções permitem-nos localizar a narrativa no espaço e no tempo social.

Temas, saberes e valores

A representação da homossexualidade é construída em duas instâncias, na fala dos personagens com todas as disputas discursivas que ocorrem entre eles e, principalmente, nas enunciações do narrador, seja descrevendo ou analisando o que se apresenta no livro em certo momento.

No caso do romance mediúnic, cabe destacar o papel desempenhado pelos personagens espíritos, cuja valia do discurso aumenta conforme a sua caracterização como espírito mais elevado. Além disso, deve-se destacar a importância dos diálogos como lócus privilegiado, junto com as ações da narrativa para sustentar a posição do romance.

Na minha perspectiva, que considera o romance espírita/espiritualista como uma aleturgia, identificar o narrador ou esses personagens espíritos como a principal fonte do saber no livro é reconhecer o núcleo de onde as falas mais significativas provêm, com seus valores e conhecimentos, que são a visão do romance e um fragmento emanado da corrente à qual se está filiado. Nos termos de Foucault, tratar-se-ia de conhecer os operadores da verdade dentro daquela lógica de pensamento.

Aproveitando que estamos discutindo as peripécias do narrador, quero localizá-lo na produção desse romance. O narrador desse caso é o que a narratologia – disciplina que estuda a forma da narrativa – chama de narrador heterodiegético, com a focalização centrada em si, narrador. Isso quer dizer que ele é onisciente, controla todo o saber e as possibilidades do romance, “que ele sabe mais que as personagens” (Yves REUTER, 2004, p. 75).



No capítulo 4, Gina que aparece como a personagem espírito que se manifesta para orientar outros personagens, e, ao fazer isso, realiza uma aleturgia religiosa, afirma:

Seja forte. Aceite-se como é. Não é sujo ser gay. Não é pecado ter desejo por pessoas do mesmo sexo. A moral humana é cheia de rancores e preconceitos. A moral divina não rotula os seres humanos. Aqui no astral não somos divididos em heterossexuais, homossexuais ou quaisquer outras denominações que nos aprisiona a determinadas características sexuais. Você sabe disso e precisa reagir. (Marcelo CEZAR, 2008, p. 62-63).

Páginas depois, é Leila, outra personagem cujas ideias são valorizadas pelos protagonistas o romance todo, por suas leituras e discursos espiritualistas, que afirma: “Você não precisa lutar contra nada. Basta aceitar-se como é. Aceite que você gosta de rapazes e procure jamais corromper sua verdade interior. Não queira forçar sua natureza por conta das convenções sociais” (Marcelo CEZAR, 2008, p. 81).

Em ambas as citações aparece uma exaltação à aceitação da homossexualidade e críticas abertas às convenções sociais. O que, considerando o efeito de verdade que os romances têm para os espíritas, é também uma crítica à moral vigente na época em questão e até mesmo vigente no tempo presente.

O primeiro aspecto a se dizer dos temas que foram representados no romance é sobre o tema da migração homossexual, especialmente por problemas familiares. Os dois protagonistas e o personagem com quem o protagonista Sérgio se relacionou durante a maior parte da história migraram de diferentes locais do país para a (grande) metrópole São Paulo.

Esse movimento de migração não é estranho aos homossexuais e é descrito tanto na história da homossexualidade de James Green (2000), como na dissertação antropológica de Carmen Doria Guimarães (2004, [1977]). E é realizado ou para viver a orientação sexual com mais liberdade, longe dos familiares que a rejeitam, ou é realizado porque houve uma ruptura com a família.

No que diz respeito à experiência homossexual, esses dois personagens mostram-nos que os conflitos estão por todos os lados. No



mundo social, eles se apresentam na forma de violência homofóbica e, na subjetividade, eles se apresentam como mal-estar entre o ideal heterossexual exigido pela sociedade e a identidade sexual.

Os saberes conexos ao romance são a autoajuda, com menções e apologias ao trabalho de Louise L. Hay, inclusive mencionando o lançamento do livro “Você pode curar sua vida”, como futuro. O livro seria lançado no Brasil em 1984. Além desse saber em *stricto sensu*, houve uma reiteração e uma defesa persistente da perspectiva que crê no poder da mente sobre a saúde corporal (perspectiva psicossomática ou metafísica da saúde, para os espiritualistas).

Foram também vinculadas informações significativas e verídicas sobre o vírus HIV e a doença AIDS. Algumas das informações vieram acompanhadas de notas de rodapé indicando serviços de saúde brasileiros como fonte. Um caso exemplar é a menção à disponibilização de testes no mercado. Na história da AIDS, o primeiro teste só foi disponibilizado em 1985.

No âmbito dos valores, o romance reiterou a perspectiva reencarnacionista e a crença na continuidade da vida após a morte, mas não em *stricto sensu* relacionada ao kardecismo. Houve grande inclinação também para um tipo de individualismo, o qual coloca nas mãos do sujeito todo o poder sobre a ação social, desconsiderando a eficácia das estruturas sociais.

NARRATIVA E ANÁLISE DE “UM AMOR DIFERENTE: NOSSAS ESCOLHAS”

O segundo romance “Um amor diferente: Nossas escolhas”, de João Alberto Teodoro (2012), pelo espírito Augusto César Vannucci, publicado pela editora Mundo Maior (depois reeditado com alterações significativas na capa), foi escolhido por sua alta popularidade à época da pesquisa. Ele trata de preconceito e das escolhas em torno da diferença amorosa e sexual.

Esse livro começou muito diferente desde os agradecimentos. Nelles, o médium agradece outro médium (até aí, nada de incomum) e, em seguida, agradece à família do espírito por deixar utilizar o sobrenome. Sabemos no subcampo de estudos sobre espiritismo que o uso do nome



do autor espiritual, muitas vezes, representa um grande problema para a literatura mediúnica.

É de conhecimento público o apuro pelo qual passou Chico Xavier por utilizar o nome do autor espiritual do livro “Parnaso de além-túmulo”, de 1932. O uso virou motivo de disputa judicial pela família do morto, que era um autor famoso, principalmente em torno dos direitos autorais da obra. Daí em diante, as referências à pessoa do autor espiritual são muito vagas na maior parte dos livros espíritas.

Diferente do romance anterior, na primeira edição, que foi a analisada, esse tem uma capa mais clara, mas com tons fortes, é prefaciado por outro médium espírita, Marcos Alberto Ferreira, que lê a sexualidade em termos de energia criadora e tem como adversário o uso da sexualidade sem amor. Ele volta à obra “O livro dos espíritos”², nas questões 200 a 202 que tratam a sexualidade, e logo segue pelo caminho da explicação da homossexualidade pela inversão sexual, ou seja, o espírito é assim por estar acostumado com um sexo biológico e um gênero que nessa encarnação está em outro sexo e gênero. Essa inversão pede a sublimação do desejo. Depois de dizer que, por escolha, algumas pessoas não sublimam, ele retoma a argumentação que o importante é o amor, independente das pessoas serem heterossexuais ou homossexuais.

Nesse prefácio, surge a clara relação entre sexualidade e gênero. Ou seja, é o gênero o determinante para a sexualidade na visão de muitos espíritas. E junto com a ideia de inversão, ele vinculou a ideia de sublimação que coloca a homossexualidade como algo a ser sublimado ou quiçá sacrificado por outros objetivos que seriam mais nobres. Isso nos mostra que no interior da própria prática espírita e de um mesmo livro, há certa ambivalência quando se trata das questões de gênero e sexualidade.

Aspectos literários 1 – Sinopse da história

O enredo passa-se no estado de São Paulo e narra a história de Flávio desde os anos 1950, em Santos, até a primeira década do século XXI na cidade de São Paulo. Flávio é um homem que teve uma história sofrida desde sua infância, filho de mãe solteira – algo condenável para

² “O livro dos espíritos” é outro dos livros basilares do espiritismo.



a época –, e que morreu no parto, foi criado como filho pela irmã da mãe e seu marido.

Esse último, que nunca aceitou realmente o filho adotivo/sobrinho biológico, uma vez o molestou. Ainda na infância, o menino perdeu a mãe-tia e reencontrou seu pai biológico perdido. Enquanto isso, o pai de criação tem os laços que os une revelado pelos espíritos no mundo espiritual e que remontam há tempos progressos. O momento de reencontro do pai biológico marca a fase em que a vida do menino começa a melhorar, é o encontro do que os espíritos chamam de duas “almas afins” que estiveram unidas em outros momentos da eternidade.

Durante a juventude, ele tem seu primeiro relacionamento homossexual com seu chefe, no primeiro emprego, um homem mais velho que vive um casamento heterossexual. Por exigência da esposa, esse homem se afasta de Flávio, arranjando um emprego para ele em um banco. Com medo de decepcionar as expectativas do pai, Flávio se dedica a ser bem-sucedido em seu emprego enquanto reprime o desejo homossexual.

Após a morte do pai, Flávio muda-se para São Paulo e vai trabalhar na filial paulistana do banco, local em que conhece o colega de trabalho Guilherme, com quem já tinha laços em vidas passadas e desenvolve uma amizade que, depois de três anos, transforma-se em amor. Os dois vão morar juntos e são muito felizes, até que a mãe de Guilherme vai morar com eles por estar com câncer em estado terminal.

Com a chegada dela, aparece o medo da rejeição com relação à homossexualidade do filho e do amor dos dois. No pouco tempo que passou com eles, para travar as últimas batalhas contra o câncer que a consumia, a mãe de Guilherme mostrou-se uma mulher aberta e instruída pelo espiritismo e aceitou a homossexualidade do filho.

Logo após a morte da sogra, emergiu outro fato da vida de seu companheiro Guilherme: o abuso por parte do tio materno Ismael. Ele reaparece anos depois com uma conduta que, ao mesmo tempo que é homossexual, reprime o desejo apoiado no discurso (religioso) de que amar uma pessoa do mesmo sexo é pecado. A trama desenrola-se com novos reencontros, com pessoas das vidas passadas, agora voltando com laços não sanguíneos, mas de afinidade, e termina com os dois, depois da morte, perdendo os seus respectivos abusadores.



Aspectos literários 2 – Personagens e suas complicações

A trajetória de Flávio é acompanhada por todo o romance. Desde a infância, suas complicações são lidar com o pai adotivo, a perda da mãe, os abusos sexuais por parte do pai de um colega, o primeiro amor, o desejo diferente que ele não pode contar ao pai, em quem ele confia muito, a morte do pai, o amor por Guilherme, não poder adotar e a morte do companheiro.

Raul é apresentado na história primeiro como colega do suposto pai de Flávio, depois é revelado que ele é o pai biológico de Flávio. Eles vivem juntos até a sua morte, no capítulo XV. Custódio, inicialmente, é apresentado na narrativa como o pai do menino. Suas complicações no começo da história são o alcoolismo e lidar com os sentimentos ambíguos de amor e ódio que ele não sabe explicar, para com o menino.

Neusa é a mãe adotiva/tia biológica de Flávio. Suas complicações são manter sua família, lidar com o alcoolismo do marido e lidar com a violência doméstica, ela morre de tuberculose no romance. Realiza a operação da verdade na narrativa, por meio dos recursos que os espíritas julgam legítimos, como a manifestação espiritual depois que o corpo físico dorme (desdobramento).

Luzia é a mãe biológica de Flávio, irmã de Neusa, que morreu quando ele ainda era bebê. Sua grande complicação foi se envolver com um homem não aprovado pelo pai e perder a virgindade.

Durante a narrativa desempenha, junto com Neusa, o papel de (personagem) espírito que na aleturgia religiosa espírita opera a verdade. No capítulo XIV, quando o filho encontra outro rapaz, em um momento de desdobramento, e é visto pelo pai, é ela que pede a Raul para conversar com o filho deles sobre o amor em suas diversas formas. E, no capítulo XVI, quando Flávio e Guilherme começam a se envolver, no sentido romântico do termo, ela reafirma a perspectiva de que há várias formas de amar (João TEODORO, 2012, p. 123).

Guilherme só surge no romance quando Flávio é adulto, a partir do capítulo XVI, e seus conflitos são o amor por Flávio, assumir-se para a mãe e lidar com a doença dela – que está desenganada pela medicina em relação à saúde –, lidar com o tio Ismael que lhe abusou na infância e poder constituir uma família homoparental.



D. Marly, mãe de Guilherme, surge no romance no capítulo XVII e vive na narrativa até o capítulo XX, depois passa à posição de espírito desencarnado. Ela está desenganada pela medicina em relação à manutenção da saúde física. Ismael também só surge no romance no capítulo XX, suas dificuldades são lidar com a homossexualidade, estar portando uma doença grave que tudo leva a crer, no romance, que é AIDS, lidar com o personagem Armando e a rejeição do sobrinho. Ex-seminarista, reproduz, no romance, o discurso de que a homossexualidade seria pecado.

Armando é um padre com o qual Ismael se envolveu afetiva e sexualmente na juventude. Na narração de sua vida, após a morte no romance, ele é membro de uma facção espiritual que visa disseminar e cultivar os prazeres, o orgulho e a vaidade entre as pessoas vivas para que elas retroalimentem esses sentimentos.

Esses são os personagens que serão definitivos para nós na representação da homossexualidade. Praticamente, os dois protagonistas passam a imagem de um casal ideal, e a entrada no que as pessoas costumam chamar de “meio gay” e as complicações da experiência homossexual são ocasionadas pela figura de Ismael.

O narrador, principal operador do discurso de verdade na narrativa, ao se referir à vida no meio homossexual ou gueto, tal como a antropologia da sexualidade brasileira acostumou-se a se referir a esse espaço, afirma: “Ali estavam mulheres e homens vivendo uma realidade transparente, que não podiam viver no dia a dia” (João TEODORO, 2012, p. 193).

Temas, saberes e valores

Os capítulos de VI a XI são importantes na história porque eles realizam na narrativa uma espécie de regressão que, na estrutura do romance, apresenta-se como anacronia e elucidam o “passado espiritual” dos personagens. O mais importante dessa elucidação é a descrição dos vínculos e das amarras entre os personagens.

Proponho pensarmos como duas coisas diferentes, nos vínculos como simples relações de parentesco e afinidade entre os personagens; e as amarras, como aquilo que prende os personagens uns aos outros por sua vida moral, pelos compromissos positivos e negativos que fizeram consciente ou inconscientemente nas vidas.



Durante vários momentos da narrativa, o termo “amizade” é usado como eufemismo para as relações homossexuais entre os personagens. As pessoas à volta dos personagens conhecem a realidade, mas ela acaba sendo retocada, ornando a (homo)sexualidade como aquilo que pode ser vivido, mas que deve permanecer no domínio do impronunciado.

Abuso sexual, adoção, performatividade de gênero, homofobia, aceitação (principalmente familiar), ocultação do desejo e suas estratégias e o debate em torno de sexualidade e pecado são os temas representados na narrativa e transpostos de algum modo da sociedade brasileira. Mesmo assim, nessa narrativa a homossexualidade aparece como uma forma de amar entre outras e cujo amor fraterno e sem sexo seria a principal forma para aqueles que teriam alcançado a evolução espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois romances têm como centro narrativo as vidas familiares e afetivas dos personagens homossexuais, principalmente dos protagonistas. Do ponto de vista temático, isso se traduz em explorar o binarismo, a aceitação/rejeição e o preconceito/discriminação homofóbico, em ambos criticados, como uma recusa à diferença.

Eles também ignoraram em suas narrativas a história política dos anos 1970 e da primeira parte dos anos 1980, pois os livros não fazem referência à existência de uma ditadura civil-militar no Brasil da época e suas implicações para a população homossexual/LGBT. Do ponto de vista da reapropriação da história, eles se utilizam de aspectos culturais da época como locais públicos, música, dança e cinema para fazerem as marcações de tempo social do romance.

Outro ponto comum é a exploração da metrópole São Paulo, como destino de migrações, e da região central de São Paulo, em especial da República e da Vila Buarque, como gueto gay paulistano, em que as relações entre pessoas do mesmo sexo dar-se-iam com mais liberdade e menos risco. Essas referências disponibilizadas existiram ou ainda existem e dão aos romances a impressão de realismo.

Os personagens espíritos e o narrador, em ambos os romances, são detentores e operadores das “verdades” e saberes da narrativa. Do ponto de vista êmico, os personagens espíritos sabem mais porque, em



espírito, livre da matéria, uma pessoa teria acesso a outras perspectivas e saberes que a vida material interdita, como as lembranças do passado e os planos de um poder metafísico.

As anacronias são fundamentais para a literatura em geral elucidar a trajetória dos personagens, na prosa e nos romances mediúnicos ganharam ainda mais valor. É nos trechos anacrônicos que se revisita o passado reencarnatório dos personagens, seja pela regressão, pela lembrança em estado de sono ou pela narração de algum personagem espírito. Ou seja, é por meio dessas três formas legitimadas pelo espiritismo, de manifestação do passado e ritual da verdade, que reaparecem as verdades subjetivadas dos personagens que seriam causas das aflições futuras.

As falas sobre a sociedade são críticas e são muito próximas nos dois romances, sempre mostrando seu estado, por assim dizer, degenerado que precisa de espiritualização. A alternativa de espiritualização é um dos pontos em que a divergência começa. No romance “A última chance” (2008), é reiterada uma independência da religião e mesmo do espiritismo. Enquanto, em “Um amor diferente” (2012) o espiritismo e o cristianismo em geral, com várias referências à figura do Cristo, são reafirmados.

As críticas imanentes aos outros componentes do campo religioso não poupam ninguém em “A última chance”, nem as Igrejas cristãs, nem o espiritismo. Já em “Um amor diferente”, o espiritismo é poupado de críticas e elas são incisivas em cima do catolicismo e das denominações popularmente conhecidas como evangélicas.

Uma diferença também é a densidade do diálogo. “A última chance” tem diálogos com forte carga emocional e de saberes como a autoajuda, o espiritualismo ou mesmo a ciência universitária em vigor com suas explicações sobre HIV/AIDS. Enquanto “Um amor diferente” faz referências ao próprio discurso espírita ou ao discurso cristão em sentido mais amplo, com as noções de perdão e a expressão de preces pontualmente.

No que concerne à “manifestação ritual da verdade” (aleturgia), os discursos dos personagens aparentemente espiritualizados e dos narradores foram centrais, foram eles que expressaram o que tem de mais valioso para a evolução dos personagens e esclarecimento do/



leitor/a. Os romances, por meio de seus personagens espiritualizados, apresentam-se como um discurso de verdade sobre a sexualidade, autorizados pelo que poderíamos chamar aqui de “poder espiritual”, um poder que opera nas oposições espírito e matéria e heterossexualidade e homossexualidade, mas está acima delas em nome de verdades espirituais que transcenderiam os saberes convencionais.

No romance “A última chance” (2008), há uma discussão entre os personagens sobre o meio gay. Esse, entendido não como espaço geográfico, mas como rede de sociabilidade onde o sexo e a aparência física seriam centrais. Uma rede que teria um estilo de vida próprio e códigos de conduta não explicitados no romance.

Em suma, os romances mediúnicos “A última chance” e “Um amor diferente: nossas escolhas”) – um, romance espiritualista e outro, espírita ortodoxo – descrevem e narram possibilidades de experiências homossexuais, de migrantes, na grande metrópole São Paulo, do século XX. As representações da homossexualidade aparecem em duas instâncias, a dos personagens e a do narrador exterior à história e onisciente. A representação feita pelos romances é a de um modo de vida homossexual de classe média, urbano, inserido no que antes era chamado de mercado GLS, mas não na política LGBT, tida como transitória do ponto de vista teológico e como diferença dentro do regime político heterossexual.

Além disso, respondendo a uma curiosidade do público sobre a visão do espiritismo sobre a homossexualidade, o que os romances manifestam são explicações voltadas para a diversidade das formas de amar e viver a sexualidade. Mas, muitas vezes, essas explicações retornam a lugares comuns como a inversão sexual ou o caráter de condição. O que dentro da teologia espírita faz todo sentido, considerando o caráter moldável das reencarnações. Entretanto, o ponto que destaque é o claro investimento ético na aceitação.

FONTES DE PESQUISA

Romances analisados:

CEZAR, Marcelo. **A última chance**. Pelo espírito Marco Aurélio (psicografado). São Paulo: Centro de estudos Vida e consciência editora, 2008.



TEODORO, João Alberto. **Um amor diferente**: “nossas escolhas”. Pelo espírito Augusto César Vannucci. São Paulo: Mundo maior editora, 2012.

Matérias na imprensa:

AZEVEDO, Solange. A família do além. In: **REVISTA ÉPOCA**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR57510-5990,00.html>

LOES, João. A senhora dos espíritos. A senhora dos espíritos. In: **REVISTA ISTOÉ**. Disponível em: https://istoe.com.br/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS/

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Célia. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Editora Alameda/FAPESP, 2010.

AUBRÉE, Marion. Entre história e mito: A dinâmica da literatura espírita no Brasil. In: **Caminhos**, Goiânia. V. 10. N.2, p. 145-156, jul.-dez. 2012.

_____; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

AZEVEDO, Solange. A família do além. In: **REVISTA ÉPOCA**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR57510-5990,00.html>

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges e Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual? In: *Cadernos Pagu* (21) 2003: p. 219-260.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CÂNDIDO, Antônio. Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento). In: **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. 12ª ed. revista pelo autor.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France (1979-1980). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.



FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: UNESP, 2000.

GUIMARÃES, Carmem Doria. O homossexual visto por entendidos In: HEILBORN, Maria Luiza [organização e apresentação] **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário.** Rio de Janeiro: Garamond Editora, 2004.

KARDEC, Allan. **O Livro dos médiuns e dos doutrinadores.** Tradução da 2ª edição francesa por J. Herculano Pires. São Paulo: LAKE, 2013. 27ª ed.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: Um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** 353p. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2000..

LOES, João. A senhora dos espíritos. A senhora dos espíritos. In: **REVISTA ISTOÉ.** Disponível em: <https://istoe.com.br/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS/>.

MELLO, Luiz; BRAZ, Camilo; ALMEIDA de Freitas, Fátima Regina et. al. Questões LGBT em debate: sobre desafios e conquistas. **Sociedade e Cultura**, vol. 15, no. 1, enero-junio, 2012, p. 151-161.

RÁDIO BOA NOVA. **Nossa história.** Disponível: <http://radioboanova.com.br/nossahistoria/>.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance.** Tradução Ângela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 2ª ed. Coleção leitura e crítica.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. O espiritismo na encruzilhada – mediunidade com fins lucrativos. **Revista USP**, São Paulo, v.67, p. 176-185, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/jissn.2316-9036.voi67p176-185>>.

VALLE, Edênio. Capítulo VIII – Características modernas e pós-modernas no espiritismo de Waldo Vieira. In: QUEIROZ, José J; GUEDES, Maria Luiza e QUINTILIANO, Ângela Maria L (orgs.). **Religião, modernidade e pós-modernidade: interfaces, novos discursos e linguagens.** Aparecida, SP: Editora Ideias & Letras, 2012.

VIDA & CONSCIÊNCIA. **Loja virtual** – coleção teatro. Disponível em: <<http://loja.vida-consciencia.com.br/listaProdutos.asp?IDLoja=27938&Digitada=True&Texto=Cole%E7%E3+teatro&ok.x=19&ok.y=19>>.

Submetido em: 15-12-2021

Aceito em: 23-6-2022